

## **EU NÃO SOU VISTA: VESTÍVEL BRINCANTE**

### ***I AM NOT SIGHT: VESTÍVEL BRINCANTE***

Paula Rodrigues Correia / UDESC  
Mara Rúbia Sant'Anna / UDESC  
Tatiane Rebelatto / UDESC

#### **RESUMO**

O texto apresenta o relato do processo artístico presente no desenvolvimento da obra Vestível Brincante, que fez parte da exposição “Eu não sou vista” (2019). Esta obra, bem como a exposição, teve como objetivo propor uma reflexão sobre a relação das pessoas com espaços de (in) visibilidade, gerando uma aproximação por meio da obra de arte. O texto relata a vivência do processo de criação da obra de arte e da mediação em espaços lúdicos, nesse caso a escola. Para tanto, o trabalho tem como referência os artistas Arthur Bispo do Rosário e Hélio Oiticica.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Processo artístico; Vestível; Mediação; Lúdico.

#### **ABSTRACT**

*The text presents the report of the artistic process present in the development of the work Vestível Brincante, which was part of the exhibition "I am not seen" (2019). This work, as well as the exhibition, aimed to propose a reflection on the relationship of people with spaces of (in) visibility generating an approximation through the work of art. The text relates the experience of the process of creation of the work of art and mediation in play spaces, in this case the school. For this, the work has as reference the artists Arthur Bishop of Rosario and Hélio Oiticica.*

#### **KEYWORDS**

*Artistic process; Wearable; Mediation; Playful.*

## Introdução

O presente artigo enseja uma reflexão a respeito do processo artístico de uma obra que se constituiu a partir de camadas visíveis de tecidos, bordados e cores, mas que também se constituiu de camadas invisíveis de vivência e pertencimento que foram acontecendo durante a disciplina do doutorado em artes.

O intuito desta proposta foi de materializar uma espécie de manto – *Vestível Brincante*, colorido e vibrante que possibilitasse formas de mediação com os jovens, buscando uma interação, um momento de reconhecimento do seu espaço na escola, para além dos uniformes que padronizam e as tornam “invisíveis”.

A proposta inicial para a obra era baseada na desconstrução dos uniformes escolares e reconstrução, gerando diversas possibilidades de interpretação desse fardamento presente nas escolas que, ocasionam um enrijecimento nos estudantes e uma normatização. Como não foi obtida a quantidade necessária de uniformes, repensamos a proposta e foi nesse momento que os artistas Arthur Bispo do Rosário e Hélio Oiticica entraram em cena, nos fornecendo o referencial teórico e imagético, além de muita inspiração.

Algumas questões próprias da temática da exposição “Eu não sou vista” permearam nosso trabalho, desde como a obra poderia dialogar com os alunos gerando uma reflexão a respeito do espaço que ocupam no colégio e da própria relação que estabelecem com a obra de arte. Essas questões nos inquietaram no sentido de como poderíamos elaborar um projeto que alcançasse essas provocações e simultaneamente dialogassem com a pesquisa e o trabalho que queríamos desenvolver.

Na tentativa de responder a essas inquietações, buscamos referências nas obras dos artistas supracitados e nas reflexões que ambos propuseram em seu percurso artístico. Portanto, o diálogo com esses artistas e suas obras não foi puramente

formal, visando apenas à estética, mas buscou-se também estabelecer conexões no tocante às inter-relações e às transfigurações que a obra possibilita.

O percurso desse texto inicia com a proposta da disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais, na qual foi desenvolvido o estudo. Posteriormente, apresentamos a exposição “Eu não sou vista” elencando suas questões, seguida de um diálogo com os dois artistas que nortearam esse estudo pontuando um pouco da sua arte e das conexões que foram feitas com a obra. Em seguida, é abordado o processo artístico acerca do *Vestível Brincante*, identificando as possíveis mediações e interações que a obra propõe. Finalizando com algumas considerações geradas após a realização do projeto e a partir de algumas inquietações e reflexões gerada pela obra.

### **Ação Educativa em Espaços Culturais e a exposição “Eu não sou vista”**

A disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais teve por objetivo envolver os alunos do mestrado, doutorado e alunos especiais nos espaços de cultura da cidade, estabelecendo relações entre a importância desses espaços e a mediação com a obra de arte.

Nesta disciplina, fomos introduzidos às concepções de museus e de espaços expositivos contemporâneos, bem como as questões referentes à crise nos museus, às questões dos espaços culturais e da ação educativa. Além das teorias e práticas das diferentes proposta de ação educativa. Outra preocupação pontuada na disciplina refere-se às novas temáticas de ação educativa na contemporaneidade, nesse momento estudamos os materiais pedagógicos disponíveis e os tipos de público.

Essa disciplina diferencia-se das demais, pois é ministrada tanto no espaço da universidade, em salas de aula, como nos espaços culturais, nos museus e centros de arte. O intuito de apresentar esses espaços aos alunos deve-se a importância e a necessidade de despertar uma sensação de pertencimento nos estudantes. A

disciplina finalizou com o planejamento da ação educativa incluindo a organização da exposição, a elaboração de uma obra de arte e a mediação que foi realizada na abertura da exposição realizada em um colégio.

A temática da exposição surgiu a partir do trabalho da artista Carolina Moraes, criado em 2016, em Florianópolis. O objetivo foi criar um ponto de interseção entre o visível e o invisível. Foi uma exposição coletiva e colaborativa criada mediante exercícios de aproximação dos universos sociais e políticos que permeiam a vida pessoal e profissional de cada artista/propositor envolvido. O desejo foi de tornar visíveis as pessoas, os sentimentos e os desejos comumente invisibilizados, ignorados e incompreendidos.

A exposição contou com a participação dos alunos da disciplina e demais artistas convidados. Os trabalhos propostos foram mobilizadores de interações entre a fala e a escuta, o corpo e o coletivo, a arte e seus espaços de circulação. Assim, muitas ações e proposições foram efêmeras, interativas e aconteceram tanto no Espaço Estético do colégio quanto em espaços externos.

### **Manto, bordados e parangolés: uma conversa com Bispo e Oiticica**

A concepção de uma obra perpassa as experiências desenvolvidas no campo criativo, entre elas, a admiração de outros artistas e o acompanhamento de trabalhos já realizados, observando os diálogos estabelecidos com o público.

Na obra *Vestível Brincante* não foi diferente, as referências de trabalhos anteriores articularam diretamente com a obra através da escolha do material, do suporte e da proposta de interação. O mesmo aconteceu com a escolha dos artistas, uma vez que, Bispo e Oiticica acompanham desde a graduação em artes, os autores do presente texto. No entanto, cada leitura sobre suas obras nos proporciona um novo olhar e, portanto, outra forma de apropriação de seus trabalhos.

Em *Vestível Brincante*, buscamos contato com os fazeres manuais presente no repertório desses dois artistas, bem como na poética trabalhada por eles. A partir de Bispo do Rosário nos apropriamos do formato (Figura 1) e da ideia de visibilidade, pois planejávamos um manto que pudesse ser vestido pelos estudantes e que lhes permitissem uma sensação de pertencimento, de serem visto no espaço do colégio.



Figura 1: Manto da Apresentação, Arthur Bispo do Rosário. Fonte: oglobo.com

Apropriamo-nos também do fazer artístico do artista, ou seja, construímos nosso trabalho a partir do que tínhamos em casa como, por exemplo, sobras de tecido e aviamentos, sem precisar adquirir novos produtos. Além disso, nos interessou a maneira como o artista trabalhou o bordado, com linhas de espessuras diferentes e pontos aleatórios, a partir dos quais criava texturas, padronagens e fazia registros de nomes, números, e memórias. Um trabalho sensorial e um convite ao toque.

Bispo estava sempre vivo aplicado na arte dos bordados, objetos, esculturas minúsculas. O dono do mundo, daquele pedaço de mundo. Ele tinha o dom da criação, um deus, absoluto no cubículo, esmerado na gênese do universo. Um universo constituído de miniaturas. (HIDALGO, 1996, p.89).

A partir de Hélio Oiticica nos apropriamos das sobreposições, panejamentos e articulações de seus *Parangolés*. Camadas de tecido e corpo numa simbiose que se transfigura.

Vestir-se com um Parangolé implica, de acordo com Oiticica, uma “transmutação expressivo-corporal”, aguçando-se a própria consciência de corpo, movimento, ambiente e suas inter-relações – como se, por exemplo, a pessoa estivesse num palco, onde toda ação é magnificada e toma uma nova significação. À medida em que um “outro” assiste ao movimento dessa pessoa, uma consciência do self e dinâmicas sociais são colocadas em ação, criando um espaço inter-corporal que o Parangolé media ativamente. (CRANDALL, 2008, p.148).

Foi em Oiticica que vimos os movimentos feitos com o corpo vestido com os *Parangolés* (Figura 2). A partir deles pensamos na mediação dos estudantes com a obra, por meio da brincadeira, possibilitada pelo ato de vestir a obra de arte e se movimentar com ela, rodar, girar, dançar, vivenciar esse objeto, esse espaço de pertencimento que os distancia da padronização do uniforme e os convidada para uma experiência individual ou até mesmo coletiva.





Figura 2: Parangolé, Hélio Oiticica. Fonte: [www.culture-se.com.br](http://www.culture-se.com.br)

Ainda em Oiticica, visitamos suas cores e formas geométricas em sua obra *Penetrável*, com seus blocos grandes e geométricos repletos de cor, contraste e vibração. Foi a partir das apropriações que fizemos mediante as obras desses artistas e da forma como pensavam sua produção que se deu a criação e o desenvolvimento do *Vestível Brincante*. Um projeto que nasceu no meio acadêmico a partir de uma disciplina e ganhou forma, cor, textura, volume, tridimensionalidade, “corpo” e “voz” e passou a ocupar espaços de circulação.

### ***Vestível Brincante***

O vestível é uma peça que pode ser vestida possibilitando diversas formas de interação quebrando padrões de uniformização, trazendo destaque para o jovem de forma lúdica e sensorial.

“A roupa diz respeito à pessoa inteira, à todo o corpo, à todas as relações do homem com seu corpo, assim como as relações do corpo com a sociedade”. (BARTHES apud CALANCA, 2008, p. 16-17). Além de proteger e adornar o corpo,

CORREIA, Paula Rodrigues; SANT’ANNA, Mara Rúbia; REBELATTO, Tatiane. Eu não sou vista: vestível brincante, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 731-748.

as roupas ‘falam’ sobre classe social, gênero, religião e pertencimento. De acordo com Cidreira (2005) a indumentária exerce certo grau de constrangimento ao corpo, funcionando muitas vezes, como uma verdadeira máscara, permitindo-nos incorporar vários personagens, fazendo-nos atuar conforme o figurino.

Através do vestuário criam-se identidades sociais, moldam-se comportamentos e permite-se o deslocamento dos sujeitos em diferentes espaços sociais. Portanto, a aparência gerada quando se veste determinada roupa, por vezes, causa uma existência vista e, por outras, uma existência apagada. No entanto, esses modos de ver e ser visto/vista não se limitam somente a quem as veste, mas igualmente a quem as faz. Ou seja, imaginamos que através do nosso trabalho seria possível refletir, também sobre o modo de produção das roupas. Sobre um sistema de produção no qual a quantidade e a eficiência são as regras.

Assim, a proposta do *Vestível Brincante* (Figura 3) foi de pensar a (in) visibilidade através das roupas, além de estimular ao visitante uma interação com a roupa vestindo-a, sentindo-a e tornando-se visível.



Figura 3: Vestível Brincante. Fonte: Acervo pessoal



O nome *Vestível Brincante* surgiu a partir de sua estrutura e da proposta de mediação com os jovens. Realizado em uma modelagem quase circular, media seis metros de diâmetro, um metro e meio de altura e possuía uma abertura pela qual era possível inserir a cabeça. Era uma estrutura convidativa ao movimento e a brincadeira. A proposta do trabalho pretendia ir além do uniforme escolar que padronizava, o Vestível Brincante desejava liberdade e espontaneidade. Ele pode ser entendido como uma capa por meio de sua modelagem aberta. Possui cores variadas e seus tecidos são alinhavados por pontos e detalhes que incorporam na vestimenta uma postura de destaque revelando o aspecto da visibilidade.

A ideia de “capa” (...) consolida esse ponto de vista: o espectador “veste” a capa, que se constitui de camadas de pano de cor que se revelam a medida que este se movimenta correndo ou dançando. A obra requer a participação corporal direta; além de revestir o corpo, pede que este se movimente, que dance em última análise. (OITICICA, 2011, p.73).

Cada parte da obra foi previamente pensada, gradativamente, ao longo de quatro meses, período da disciplina. Sugestões da professora e dos demais colegas da turma foram ouvidas e por vezes incorporadas ao projeto. Afinal, foi um processo longo que aos poucos foi sendo aprofundado em consonância com o pensamento de Oiticica o qual, segundo Carneiro, afirmava:

Todo projeto que eu faço gradativamente vai entrando numa coisa que eu chamo de programa, na realidade são programas não programados, eu chamo Programa in progress, na realidade tudo se transforma em um programa a longo prazo. (CARNEIRO, 2008, p. 188).

Para sua confecção os materiais (Figura 4) utilizados foram o algodão cru no forro, o algodão, tingido manualmente, em várias cores, o *jeans*, além de aviamentos como linha, franja e fita de *grelot*. O *jeans* serviu como base para suporte das costuras realizadas no algodão tingido em formas assimétricas que foram finalizadas com pontos de bordado, crochê e arremates. A escolha das cores vibrantes teve como intuito gerar contraste e destaque com o ambiente escolar e com os próprios uniformes adotados na escola.



Figura 4: Materiais: Vestível Brincante. Fonte: Acervo pessoal

### Processo Artístico

O processo artístico que envolveu a construção da obra buscou referência em artistas que articulam conceitos como o fazer manual, o destaque para o corpo e o seu movimento, as cores, as camadas e as sobreposições.

A escolha das cores teve referência na obra-instalação *Invenção da cor, Penetrável, Magic Square* (Figura 5) realizada em 1977, por Oiticica. A obra é composta por nove paredes de alvenaria pintadas com tinta acrílica, possui uma tela de arame e uma cobertura de metal e vidro. Assim como nessa instalação Oiticica buscou fazer com que o espectador participasse da obra nós também tentamos fazê-lo por meio das cores e do convite que o visual oferece aos olhos.





Figura 6: Manto da Apresentação, Arthur Bispo do Rosário. Fonte: oglobo.com

Uma vez definida as referências o processo criativo iniciou com a coleta do máximo possível de material que fosse necessário para a realização da obra. Nesse momento buscamos em nossa casa, com amigos e familiares sobras de tecidos, aviamentos e linhas. Desse movimento conseguimos o *jeans*, o algodão cru e muitas linhas de bordado e de costura.

A partir dessa coleta tingimos, de forma manual, o algodão cru nas cores previamente definidas. Posteriormente, foi realizado o risco do molde do vestível levando em consideração o tamanho médio do público, de forma que cobrisse boa parte do corpo, mas não arrastasse no chão, pois o intuito era que elas interagissem com a obra, vestindo, brincando e se movimentando.

Com a modelagem definida fizemos a marcação dos recortes. Como o tecido que tínhamos arrecadado era limitado e queríamos seguir na linha de reaproveitamento assim como Bispo, que desfazia peças e uniformes resgatando linhas para criar suas obras, optamos por priorizar a parte da frente, então os recortes foram espelhados otimizando o corte dos tecidos.

Bispo construía objetos e madeira ou papelão e dava-lhes as formas desejadas. Depois cobria-os, inteiros, com os fios desfiados dos uniformes e lençóis, ou, mais tarde, comprados pelos amigos. Agulha e linha deram o tom e o compasso de dezenas de obras assinadas por Bispo. (HIDALGO, 1996, p.101).

Em paralelo toda a base em jeans já estava cortada, bem como o forro em algodão cru. Os recortes então foram montados e costurados, depois cada emenda foi rebordada com linha e fita de *grelot*.

A ideia inicial era de bordar os nomes dos alunos, ou palavras de incentivo e motivação para os alunos e funcionários que “não são vistos” no espaço da escola, seguindo a proposta da exposição, ou até mesmo aplicar desenhos/motivos por meio de carimbos, porém achamos mais adequado que os estudantes e funcionários do colégio tivessem no vestível um suporte para interferir com as palavras e/ou desenhos que julgassem necessários. Afinal eram eles que iam vestir a obra e dialogar com ela.

Portanto, depois de bordar as emendas costuramos todo o vestível, aplicamos uma barra com franjas coloridas e uma pala feita em crochê e finalmente, estava pronta a nossa obra. Cabe destacar que o único material que compramos para a realização desse trabalho foi a barra com franja.

Todo esse processo artístico e criativo foi registrado em um diário de bordo (Figura 7) o qual foi realizado em paralelo ao desenvolvimento da obra. No diário foi registrado desde as referências teóricas e imagéticas, os esboços iniciais, até as escolhas finais de forma, cor e material. O caderno de registro tinha a função de mostrar que a realização de uma obra de arte envolve etapas, apropriação, interpretação, erros e acertos, fazer e refazer.



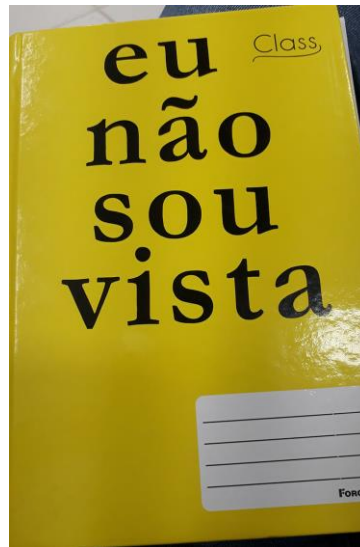


Figura 7: Diário de bordo. Fonte: Acervo pessoal

### **Mediações possíveis: intervenções e brincadeiras**

Pensar a obra de arte é também pensar sua mediação. Essa talvez tenha sido a maior lição que a disciplina de Ação Educativa em Espaços Culturais tenha nos proporcionado. Estamos acostumados a vivenciar tanto a obra e a estarmos tão imersos em nossa criação e em nosso processo criativo que nos esquecemos do espectador, das relações que este vai estabelecer com o que pretendemos apresentar. É nesse momento, que a mediação se faz necessária e de grande importância. No nosso caso essa preocupação foi ainda mais latente, pois a maioria dos espectadores eram jovens, estudantes do colégio.

O contexto de vida desses jovens é cada vez mais permeado por tecnologias e dispositivos digitais, sua concentração é posta a prova, nesse sentido nos questionamos como poderíamos estabelecer um diálogo, e antes mesmo disso, como despertaríamos a atenção desses estudantes. O fato é que, precisamos nos fazer presentes e interessantes frente à celulares, *tablets*, ou qualquer outra distração. Portanto, o grande desafio era como convidá-los a parar, observar e gerar um momento de interação com a obra.



Esse talvez tenha sido nosso maior obstáculo e para superá-lo retornamos ao conceito da exposição “Eu não sou vista” e na proposta do vestível e dos artistas que serviram de referência para sua criação. Foi percorrendo o percurso de Bispo e Oiticica que pensamos na possibilidade da interação, não somente no ato de vestir, mas também no ato de intervir na obra, para tanto deixamos uma caneta própria para marcar tecido ao lado da obra na exposição.

Na abertura da exposição com alguns estudantes e funcionários do colégio presentes nossa mediação (Figura 8) objetivou apresentar a obra, bem como a leitura que fizemos a partir de Bispo e Oiticica evidenciando que ela estava aberta a qualquer tipo de interpretação, mediante o repertório de cada um. Durante essa mediação falamos dos artistas que serviram de inspiração, vestimos a obra e brincamos com ela. Mostramos que o intuito do vestível era de dar destaque ao indivíduo, rompendo com os limites de padronização impostos pelo uniforme da escola e seu uso obrigatório, contextualizando com a proposta do manto e do *Parangolé*.

O *Parangolé* tomava a forma de uma roupa maleável que podia ser vestida, parecida com uma capa ou manto, feita de uma ou mais camadas de material brilhante colorido que requer movimento direto do corpo e se revela nesse ato. O trabalho de arte, não mais uma coisa separada, transforma-se em algo no qual a pessoa imerge: um “ciclo de participação” no qual o observador e observado, “espectador” e “usuário”, são emaranhados em padrões circulatorios, modificadores. (CRANDALL, 2008, p.147).

Nesse momento, destacamos que eles poderiam brincar, dançar, se movimentar e, por fim, interagir com o objeto artístico, deixando escrito ou desenhando nele o que sentissem naquele momento, ou até mesmo seus nomes como forma de pertencimento a obra e até mesmo aquele espaço do colégio.



Figura 8: Mediação no Colégio de Aplicação. Fonte: Acervo pessoal

### **Sobre processo, aprendizados e vivências.**

Participar da disciplina de Ação Educativa em Espaços Culturais foi muito enriquecedor e ter a oportunidade de realizar o vestível e vê-lo exposto no colégio, passível de interpretações e interações diversas, nos surpreendeu de forma positiva, posto que é desafiador inserir a arte no cotidiano escolar. Desafio este que foi acentuado quando voltamos o olhar para as questões de pertencimento e invisibilidade dos estudantes nesse espaço, bem como as interações entre o espectador e a obra.

O trabalho que produzimos – o *Vestível Brincante*, tinha a função de transgredir. De um lado, ele estava cumprindo a função social como qualquer outra roupa, ou seja, possibilitava a transformação em outro. Era um manto, uma capa, uma fantasia, um vestível que exigia um comportamento diferente. Por outro lado, como produção

artística, ele também transgredia, pois desejava do espectador a apreciação através de outros sentidos que iam além do olhar.

A interação que o vestível proporcionava tratava-se de uma transgressão, no sentido de ultrapassar espaços, especialmente, aqueles existentes entre a obra e o espectador. Como sugeriu Gabriel Pérez-Barreiro no seu texto 'Público para a Arte/Arte para o público', seria a criação da terceira margem. O espectador e a obra são as duas margens, entre eles há um espaço, ou seja, a terceira margem. Ali é onde está comunicação entre público e artista. A partir desta situação, frente a frente é que se geram sentidos e questões que, nem sempre precisam ser resolvidos, mas que precisam ser pensadas.

Nesse sentido, pensamos ter sido adequada à mediação proposta aos alunos de interação tanto no vestir como no escrever/desenhar na obra. Acreditamos que essas abordagens ocasionaram maior envolvimento com o espectador. O resultado foi um momento no qual os jovens se apropriaram do vestível num instante de experimentação por meio do movimento do corpo, da dança, da brincadeira, gerando um reconhecimento do seu próprio corpo no espaço da escola.

Partindo desses apontamentos e de todo o processo envolvendo a criação e confecção do objeto artístico é importante destacar que momentos como estes são importantes para ensejar pensamentos e projetos que viabilizem uma aproximação entre a arte e os espaços de circulação.

## Referências

ARTE. Culture-se. Os parangolés de Helio Oiticica. Disponível em: <<http://www.culture-se.com.br/noticias/84/os-parangoles-de-helio-oiticica>> Acesso em: 20 de maio de 2019

CALANCA, Daniela. Moda e costume na Sociologia e na Historiografia. In.: História social da Moda. Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008, pp.11-26.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Moda e significação. In.: Os sentidos da Moda. São Paulo: Anna Blume, 2005, pp. 91-133.

CORREIA, Paula Rodrigues; SANT'ANNA, Mara Rúbia; REBELATTO, Tatiane. Eu não sou vista: vestível brincante, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 731-748.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas  
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

CULTURA. O Globo. Iphan tomba acervo de Arthur Bispo do Rosário. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/iphan-tomba-acervo-de-arthur-bispo-do-rosario-23083481>  
Acesso em: 20 de maio de 2019

INHOTIM. Arte Contemporânea. Invenção da Cor –penetrável. <https://inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/invencao-da-cor-penetravel-magic-square-5-de-luxe/>. Acesso em: 20 de maio de 2019

### **Paula Rodrigues Correia**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Mestra em Design pela Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo - UAM. Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em Design de Moda pela Faculdade Católica do Ceará e graduada em Artes Plásticas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Contato: paulinha.correia@gmail.com

### **Mara Rúbia Sant'Anna**

Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É líder do grupo de pesquisa Moda, Artes, Ensino e Sociedade. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina e membro do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da mesma instituição. Contato:sant.anna.udesc@gmail.com

### **Tatiane Rebelatto**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPGAV/UDESC, na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais. Mestre em História pelo programa de Pós-Graduação em História - PPGH/UDESC, na linha de pesquisa Linguagens e Identificações. Possui graduação em Artes Visuais - Habilitação em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Contato: tatirebelatto@gmail.com